

**O Livro de Jó**  
**Sessão 4: Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria**  
**Por John Walton**

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 4, Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria.

**Introdução [00:24-00:57]**

Bem, chegou a hora de falarmos sobre o gênero do Livro de Jó e sua estrutura. Então, aqui está o que temos que pensar: este livro é real? Algumas pessoas responderiam a essa pergunta perguntando: é história ou ficção? Acho que é uma falsa dicotomia. Essas são as duas únicas opções sobre a mesa.

**Importância do gênero [00:57-4:16]**

E assim, temos que pensar sobre o que o livro está fazendo e como está fazendo. Agora é uma questão de gênero, mas temos que entender que gênero é uma coisa complicada. O gênero nos ajuda a saber como ler um livro. Você sabe, se estivéssemos lendo um mistério, nós o leríamos de maneira diferente do que se estivéssemos lendo uma biografia. Se estamos lendo um editorial, é diferente de ler uma história em quadrinhos. Lemos as coisas de maneira diferente quando entendemos seu gênero. Mas o que o gênero faz ou uma identificação de gênero posiciona uma peça de literatura em uma comunidade de literatura semelhante. Identifica as coisas que lhe são semelhantes e, ao fazê-lo, dá-nos estratégias de leitura que partem do grupo como um todo. Isso significa que para que uma identificação de gênero seja significativa, temos que ter outros membros no conjunto, caso contrário, realmente não nos ajuda a ler. É aí que encontramos alguns problemas com Jó. Por um lado, podemos identificá-lo facilmente como literatura sapiencial. Essa é uma categoria ampla, mas sabemos que existem muitos gêneros diferentes de literatura de sabedoria. Provérbio, um provérbio é um gênero de literatura de sabedoria. Isso é muito diferente de um diálogo; poderia haver um diálogo de sabedoria. E assim, dizer que é literatura de sabedoria nos dá uma

categoria ampla e nos dá algum senso de expectativa, mas não nos dá realmente uma estratégia per se.

E é aí que encontramos um problema com o Livro de Jó. Não há nada como isso. Não há comunidade de literatura além do amplo escopo da sabedoria. É verdade, quero dizer, temos peças de literatura que são diálogos e Jó tem alguns diálogos nela. Temos peças de literatura que são hinos de sabedoria, e Jó tem um hino de sabedoria. Temos peças de literatura que são discursos, e Jó tem alguns discursos. Então, tem pedaços de gêneros que conhecemos de outras peças.

Mas quando você olha para o Livro de Jó como um todo, não há nada parecido. Existem outros livros que tratam do sofrimento inocente no mundo antigo, mas eles não são nada parecidos com Jó. Então, como resultado, temos vários gêneros dentro do livro. Temos vários cenários semelhantes no antigo mundo do Oriente Próximo, mas realmente não temos nada parecido com o Livro de Jó, o que significa que estamos um pouco sozinhos fora dessas categorias gerais que podemos tratar.

### **Jó como um experimento mental [4:16-5:57]**

É literatura de sabedoria e pode nos guiar em muitas de nossas questões sobre estratégia de leitura. Uma forma de literatura de sabedoria, e é a que eu gostaria de propor, é a forma de experimento mental. Em um experimento mental, você propõe um cenário. É um cenário cuidadosamente construído para ter todas as características necessárias para que uma questão seja explorada. Novamente, descobrimos que Jesus faz isso nas parábolas. As parábolas não são um relato, uma narrativa, sobre eventos reais. São eventos que, em alguns sentidos, poderiam ter sido reais, mas em outro não são. Os detalhes são reunidos de uma maneira particular para nos ajudar a pensar sobre um problema. Então, uma parábola é uma forma de experimento mental.

Não acredito que Jó seja uma parábola, mas acho que é outra forma de experimento mental. Em um experimento mental, é uma espécie de cenário hipotético. E se tivéssemos esse tipo de situação? O ponto não é afirmar que os eventos no experimento mental

realmente aconteceram , mas eles extraem sua força filosófica de sua natureza realista do dispositivo imaginativo.

### **Empurrando extremos [5:57-7:28]**

Pense nisso, e realmente poderia acontecer, mas isso é mais extremo. Tudo é extremo no Livro de Jó. Notaremos que tudo está tão esticado ao extremo quanto possível. São esses extremos que fazem o livro funcionar. Se Jó fosse menos justo, ele é bastante bom na maioria das vezes, então o livro não funcionaria porque você poderia dizer: "Oh, ele fez algumas coisas erradas", e esse poderia ser o problema. fossem menos dramáticos, se tivesse ocorrido gradualmente ou realmente não fosse tão completo, abrangente, poderíamos dizer: "Bem, ele está sofrendo um pouco. Todo mundo sofre um pouco." E, você sabe, poderíamos explicar isso talvez. Um pouco de comportamento não justo e um pouco de sofrimento, e bem, esse é o mundo que muitas vezes enfrentamos. Mas não, não, em o Livro de Jó, tudo é puxado para o extremo mais distante. Para que nenhuma resposta fácil seja deixada sobre a mesa, veja, essa é a estratégia. Remova todas as respostas fáceis e você terá que lidar com a ideia filosófica, o ponto de sabedoria.

### **Jó como uma construção literária [7:28-11:21]**

A questão sobre se os eventos são reais é equivocada. Eles são quase montados para serem surreais, mas reais o suficiente, mas mais, mais extremos do que poderíamos imaginar. Agora, vamos pensar um pouco sobre isso. Se for um experimento mental, pelo menos em algumas partes do livro, teríamos que chamá-lo apenas de construção literária, em vez de um evento real, uma construção literária.

Agora, há algumas partes do livro que todos há muito concordam que são construções literárias. As falas dos amigos, as pessoas não falam assim, só de improviso. As pessoas não falam casualmente nessa linguagem altamente elevada. Mesmo alguns de nossos melhores retóricos não falam dessa maneira. E além disso, mesmo que tivessem, mesmo que você pudesse dizer, bem, no mundo antigo eles tinham, e esses eram caras realmente espertos e etc, etc, não há estenógrafo. Eles não têm estenógrafos no mundo antigo para

sentar lá e anotar tudo. As falas dos amigos são uma construção literária. Todo mundo reconheceu isso.

Mas você vê o que isso faz? Assim que identificamos alguma parte do livro como uma construção literária, temos que fazer a pergunta: até onde isso vai? Quanto disso é uma construção literária e quanto pode ser apenas um registro de eventos? Onde você desenha a linha? E uma vez que você reconhece que algumas partes do livro são uma construção literária, não importa onde você traça a linha porque uma construção literária é aceitável em um experimento mental.

Agora eu acredito que Jó era uma pessoa real em um passado real que ele se tornou bem conhecido no mundo antigo como uma pessoa realmente boa que teve eventos realmente desesperadores sobre ele. Costumo pensar que ele realmente é essa pessoa. Mas acho que essa história sobre ele é um experimento mental usando essa pessoa conhecida para investigar um conceito de sabedoria. Assim, tomo a forma básica da narrativa. Não, não devo dizer que o conteúdo básico e a narrativa, ou seja, a vida de Jó, o justo sofrimento de um homem, são uma espécie de âncora histórica em um passado real. Mas acho que a maior parte do livro é um experimento mental, uma construção literária. Mais uma vez, o uso de extremos e as questões filosóficas que são trazidas à mesa servem para mostrar o ponto.

### **As palavras de Deus em um experimento mental [11:21-12:53]**

Agora, talvez você esteja lutando com essa ideia. Continue pensando nisso. Talvez você não esteja, mas talvez meu próximo passo seja ainda mais difícil de engolir. Então, pense comigo, se o livro, em sua maior parte, é um experimento mental, uma construção literária, isso também vale para as falas de Deus? Este também é um autor inspirado, colocando palavras na boca de Deus para tratar do assunto em questão? E o que isso diz sobre a cena inicial no céu? Isso também é uma construção literária? Isso também foi projetado para criar uma situação extrema? Pode ser importante pensar dessa maneira. Estou propondo que você pelo menos pense nisso nesses termos. Lembre-se, a verdade do livro está em seu ensinamento de sabedoria, isto é, o que está sendo afirmado. A

verdade do livro não exige nada no plano da historicidade. É um livro de sabedoria. E se for um experimento mental. É pintado em extremos.

### **Benefícios de ver Jó como um experimento mental [12:53-14:40]**

Aqui está a vantagem de pensar até mesmo na cena do céu como parte do experimento mental da construção literária. Isso nos ajudará a evitar o problema significativo de pensar que é assim que Deus realmente opera. Se este é um experimento mental, estou apenas dizendo: e se tal cena no céu se abrisse? E se esta for a forma em que a conversa ocorreu? Tudo isso é para configurar o cenário para Jó. Você vê como isso evita certas coisas com as quais os leitores geralmente lutam no livro? Isso não pretende transmitir a imagem de um Deus que faz uma aposta com o diabo; para algumas pessoas, tem sido um problema real pensar que Deus trabalharia dessa maneira. Algumas pessoas olham para o livro, olham para suas vidas e dizem: "Talvez Deus e Satanás estejam conversando sobre mim. Talvez minhas experiências sejam devido a alguma aposta divina". Não é isso que devemos obter deste livro. Essa não é uma opção em cima da mesa. Não é isso que este livro está fazendo. Estas são questões obviamente complicadas e complexas para nós pensarmos. Mas pense nisso.

### **O livro não é sobre Discussões Celestiais [14:40-15:47]**

O ensino do livro não está vinculado à realidade dos acontecimentos. O ensino do livro é construído a partir do cenário literário que é traçado. E se for um experimento de pensamento, houve muita criatividade para definir esse cenário. Apenas tente. Apenas tente para que as respostas fáceis fiquem fora de questão e haja espaço para discussão sobre como devemos pensar sobre o mundo e o que Deus faz ou não faz. Não quero dizer o que ele faz ou deixa de fazer em uma sessão no céu, mas como pensamos sobre Deus e sua responsabilidade pelo sofrimento ou como ele não é responsável pelo sofrimento? Como pensamos sobre o papel de Deus nos eventos que encontramos no mundo? Não é sobre o que acontece nas discussões celestiais.

### **Estratégia Retórica: Estrutura e o Hino da Sabedoria [15:47-20:20]**

Então, com esse tipo de ideia de experimento mental em mente, queremos falar sobre como o livro realiza seu ensino. Isso é o que chamamos de estratégia retórica. Ele fala sobre como o livro é apresentado literalmente. A estrutura do livro é bem fácil de identificar. Tem um efeito sanduíche. Temos um prólogo em prosa com a cena no céu e as experiências de Jó. Temos um epílogo em prosa onde Deus restaura Jó. Então, esses são os dois suportes para livros.

Bem no meio do livro, temos um hino à sabedoria. Muitas pessoas se perguntam sobre esse hino à sabedoria. Em uma leitura casual, pode-se facilmente pensar que é Jó falando. Jó está falando no capítulo 27. O capítulo 28 é o hino à sabedoria. E no capítulo 29, Jó está falando. Ele não apresenta um novo orador em 28. E assim, algumas pessoas assumem que é apenas Jó falando diretamente.

Mas há um problema. A seção que termina em 27 é a seção de diálogos do livro. A seção que começa em 29 é a seção de discurso do livro. Este hino à sabedoria está diretamente entre eles. Na verdade, ele fornece uma transição da seção de diálogo para a seção de discurso. O que descobrimos, quer estejamos olhando na seção de diálogo ou na seção de discurso, é que em nenhum lugar Jó tem o tipo de perspectiva que é representada no capítulo 28. O hino à sabedoria tem uma posição, uma perspectiva e uma visão que Jó não tem como pessoa nem antes nem depois. Portanto, está realmente deslocado na boca de Jó.

A alternativa, que muitos adotam e com a qual concordo, é que no hino à sabedoria do capítulo 28, o narrador volte a atuar. Aquele que nos deu o epílogo, desculpe, o prólogo e o epílogo, que montou a cena e a levou à conclusão, voltou para o meio. E ele volta depois que terminamos o diálogo entre Jó e seus amigos.

Essa é a seção de diálogo que começa no capítulo três e vai até o capítulo 27. Com Jó e seus amigos meio que conversando alternadamente, e tudo isso diminui, os discursos ficam mais curtos. E na última, Zofar nem tem o que dizer. Ele fez o seu ponto. Ele acabou. O de Bildade é muito curto. Eles meio que perderam o fôlego no diálogo.

Lembre-se, este diálogo deveria estar ocorrendo entre as pessoas mais sábias conhecidas no mundo antigo, e você chega ao fim e o hino à sabedoria de uma forma muito elaborada e eloquente basicamente diz: "Isso é tudo que você tem? É isso? Você acha que isso é sabedoria? Você nem arranhou a superfície."

E o livro então, nesse hino à sabedoria, desvia nossa atenção do que parece ser uma discussão sobre justiça. E diz: "Não, você está perdendo. Você está perdendo completamente. É sobre sabedoria." Assim, o hino à sabedoria, acredito, desempenha um papel muito significativo no meio do livro, pois nos faz a transição do diálogo para o discurso, pois mostra que realmente a seção de diálogo não conseguiu nada, pois traz um narrador de volta a uma espécie de mova-nos para a próxima parte. E isso nos ajuda a ver qual é realmente o problema. Voltaremos a isso mais adiante.

### **Diálogos e Discursos [20:20-23:30]**

Então, temos nosso prólogo e epílogo. Temos o hino à sabedoria no meio e, em seguida, as seções principais são o diálogo e o discurso. O diálogo vem em primeiro lugar. É aqui que encontramos Jó e seus amigos discutindo as questões. E assim, temos Elifaz e Bildade, e Zofar, cada um fazendo discursos, com Jó respondendo a eles. Essa é a seção de diálogo. Começa com o lamento de Jó no capítulo três e continua com o discurso de Elifaz no capítulo quatro e vai até o capítulo 27, depois com o hino à sabedoria e depois com os discursos.

Os discursos são diferentes dos diálogos porque não se trocam. E então, aqui, são apenas três personagens fazendo discursos. Jó faz seus discursos em 29 a 31, Eliú faz seus discursos em 32 a 37, e então Yahweh faz discursos e isso preenche a seção de discurso. Então, temos os diálogos e os discursos, que contêm muito do conteúdo bruto do livro. E então o epílogo encerra tudo. Agora, acho que essa estrutura nos ajuda a entender a estratégia retórica. Ou seja, a estrutura nos ajuda a trabalhar como o caso está sendo construído. Não vejo que nenhuma das peças possa ser facilmente deixada de fora do livro e ainda assim ser coerente e cumprir seus propósitos. Sim, eles são muito diferentes

literalmente. Você tem narrativa; você tem diálogo; você tem discurso; você tem hino. Eles são muito diferentes, mas todos trabalham juntos, e você não pode deixar nenhum deles de fora e ainda ter algo que tenha uma mensagem coerente.

Então, enquanto trabalhamos no livro, vamos construir a estratégia retórica. Estaremos procurando a contribuição que cada parte do livro faz porque acreditamos que cada parte faz uma contribuição. Estamos tratando o livro como um todo coerente como uma unidade, não algo que foi feito como uma colcha de retalhos ou por muitas mãos diferentes. É por isso que falei anteriormente sobre a ideia de que esta pode ser uma daquelas peças que se juntam como um livro. Se é uma construção literária, se é construído, composto, uma experiência de pensamento com uma mensagem de sabedoria e que todas as peças fazem parte dela, esta na verdade pode ter sido composta como um livro. No entanto, os bardos do mundo antigo eram talentosos e também podiam juntar isso como uma peça oral. Seria muito para aprender, muito para memorizar, mas os bardos do mundo antigo faziam isso. Parte da literatura homérica é bastante longa e foi transmitida oralmente. Então, é difícil dizer e, no final, não importa.

### **Estratégia retórica e intenção autoral [23:30-26:17]**

Temos o livro como está. Tem uma estrutura identificável, realmente facilmente identificável. E isso lhe dá sua estratégia retórica. E assim, a partir disso, vamos tentar entender a mensagem do livro.

A estratégia retórica nos diz o que o autor está fazendo. A estratégia retórica é a estratégia do autor. Novamente, estou usando o autor; é uma espécie de atalho aqui para o comunicador, seja oral ou escrito. É a estratégia retórica que nos ajuda a ver a intenção do autor. E é essa intenção que tem autoridade. Lembre-se, é a autoridade de Deus, mas Deus investiu essa autoridade em um comunicador humano. E se vamos receber a mensagem autorizada de Deus, temos que fazê-la através do comunicador humano. Então, estamos sempre procurando o que chamamos de intenção do autor. O que eles querem dizer?



Acredito que parte da intenção do autor é um experimento mental. Alguns podem diferir, e tudo bem. Isso fará a diferença. Isso afetará a forma como pensamos sobre as diferentes partes do livro. Mas, no final, é nisso que estamos tentando chegar. Lembre-se, intérpretes fiéis, estão seguindo a mensagem de um livro que foi entregue por Deus, por meio de um comunicador humano, um instrumento humano, para nós.

A Bíblia foi escrita para nós, mas não foi escrita para nós. E assim, temos que tentar discernir o que aquele comunicador humano queria dizer. É onde encontraremos a autoridade. Não temos liberdade para trabalhar como freelancer, para meio que ler nossas próprias coisas nisso. Não temos a liberdade de dizer: "Ah, acho que o livro realmente quer que eu pense assim". Se você não pode obtê-lo do próprio livro, não o está obtendo de Deus. E então, que bem isso está fazendo?

Portanto, prestamos atenção ao gênero com todos os problemas que sugerimos.

Prestamos atenção à estratégia retórica, tudo isso, tentando nos ajudar a entender da melhor maneira possível o que o livro inspirado tem a dizer, que o autor pretendia como Deus comunicado por meio deles.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 4, Gênero e Estrutura e a Natureza da Sabedoria. [26:17]